

# Preconceito e experiência estética musical em T. W. Adorno

Rafael Baioni

Luiz Fukushiro

Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo  
baionirafael@gmail.com

Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo  
fukushiro@gmail.com

O fenômeno do preconceito está diretamente relacionado à pobreza da experiência. A partir do ensaio *Elementos do antissemitismo*, na *Dialética do Esclarecimento* de T. W. Adorno e M. Horkheimer, pode-se inferir uma teoria do preconceito segundo a qual este, antes de ser um julgamento complexo, de base ideológica, contra um determinado grupo ou objeto, é a manifestação de uma insuficiência cognitiva no sujeito preconceituoso. Essa insuficiência cognitiva é causada pela pobreza de experiências disponíveis para este sujeito no curso de sua formação e provoca, por sua vez, uma distorção na percepção do sujeito que o impede de ter uma experiência verdadeira e significativa com o objeto. Além de ser incapaz de reconhecer a particularidade do objeto, o sujeito preconceituoso imputa ao alvo do preconceito uma falta – que pode ser um predicado positivo pejorativo –, que se mostra, numa análise profunda, como uma projeção inconsciente da privação sofrida pelo sujeito. Na experiência estética não se dá diferente. O sujeito preconceituoso é incapaz de reconhecer o valor artístico de uma manifestação que se diferencia dos padrões limitados fornecidos durante sua formação e projeta sobre este objeto uma falta que é na verdade de sua formação. Aqui, pretendemos tecer relações entre o fenômeno do preconceito, em sentido mais amplo, e o preconceito específico na apreciação estética musical.

**Palavras-chave** preconceito, experiência estética, T. W. Adorno.

The phenomenon of prejudice is directly related to the poorness of experience. From the essay *Elements of Anti-Semitism*, of *Dialectic of Enlightenment*, by T. W. Adorno and M. Horkheimer, it might be inferred a theory of prejudice according to which, before being a complex judgment, of ideological basis, against a determined group or object, prejudice is a manifestation of a cognitive insufficiency in the prejudiced subject. This cognitive insufficiency is caused by the poorness of experiences available to this subject during its formation and provokes, on the other hand, a distortion on the subject perception that obstructs it of having a true and meaningful experience with the object. Apart from being unable to recognize the particularity of the object, the prejudiced subject attributes to the target of the prejudice a lack – that may be pejorative positive predicative –, that shows, in a deep analysis, as an unconscious projection of the privation suffered by the subject. In the aesthetic experience, it is no different. The prejudiced subject is unable to recognize the artistic value of a manifestation that differs from the limited patterns provided during its formation and projects on this object a lack that actually is from its formation. Here, we intend to create relations between the phenomenon of prejudice, in a broad sense, and the specific prejudice in the musical aesthetic appreciation.

**Keywords** prejudice, aesthetic experience, T. W. Adorno.

A obra de Theodor W. Adorno (1903–1969), filósofo, sociólogo e musicólogo alemão, é uma referência bastante útil para pensar a relação entre dois fenômenos pouco estudados em conjunto: o preconceito e a experiência estética. Isso porque esses foram dois temas que receberam grande atenção no decorrer de sua carreira intelectual, com especial cuidado em relação à experiência estética musical. Lembremos que Adorno chegou a ser aluno de Alban Berg (1885–1935), compôs algumas peças e escreveu um volume considerável de obras exclusivamente sobre as questões musicais.

Utilizaremos, a princípio, um texto escrito em conjunto com o também filósofo e sociólogo alemão, Max Horkheimer (1895–1973), intitulado *Elementos do antissemitismo* e presente no livro *Dialética do Esclarecimento*.

Começemos com um dos aspectos mais básicos no que concerne aos dois fenômenos em questão (preconceito e experiência estética): a percepção. Pois obviamente não há experiência estética sem que haja percepção, e o preconceito aparece, muitas vezes, como um erro de percepção. Adorno, em conjunto com Horkheimer, escreveu:

Em certo sentido, perceber é projetar. A projeção das impressões dos sentidos é um legado de nossa pré-história animal, um mecanismo para fins de proteção e obtenção de comida, o prolongamento da combatividade com que as espécies animais superiores reagem ao movimento, com prazer ou desprazer e independentemente da intenção do objeto. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 175)

A concepção de percepção em Adorno remete à psicologia evolutiva e, portanto, reconhece no ser humano uma base de funcionamento semelhante a de outros animais. Há uma necessidade (fome ou proteção), um objeto (alimento ou ameaça), algum movimento em relação ao objeto e uma reação a esse movimento (prazer ou desprazer). Perceber é projetar porque a “existência” dos objetos está condicionada a necessidades

internas da ordem dos instintos. Aquilo que não tem relação com tais necessidades simplesmente não é percebido. Entretanto, a explicação da psicologia evolutiva e comparativa tem um limite claro para os autores, e esse limite é a cultura:

Na sociedade humana, porém, na qual tanto a vida intelectual quanto a vida afetiva se diferenciam com a formação do indivíduo, o indivíduo precisa de um controle crescente da projeção; ele tem que aprender ao mesmo tempo a aprimorá-la e a inibi-la. Aprendendo a distinguir, compelido por motivos econômicos, entre pensamentos e sentimentos próprios e alheios, surge a distinção do exterior e do interior, a possibilidade de distanciamento e identificação, a consciência de si e a consciência moral. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 175)

Há indícios, nesse trecho, do que fica evidente no decorrer do texto: a filiação de Adorno e Horkheimer à tradição marxista e a apropriação que fazem da teoria psicanalítica. Isso quer dizer que em sua explicação da percepção os autores utilizam uma concepção de indivíduo em que uma parte deste (sua consciência), está em tensão com outras partes de si mesmo (impulsos internos, inconscientes) e do exterior (sociedade). Além disso, esse exterior não é tratado de forma abstrata e atemporal, como se toda sociedade humana fosse igual em qualquer época ou lugar. Ao contrário, os autores tratam o tempo todo de temas sociais bem concretos e historicamente situados: a sociedade contemporânea e os problemas associados ao modo de produção capitalista. Situar os autores na tradição é essencial para entender o lugar que ocupam preconceito e experiência estética na Teoria Crítica, pois estes estarão em lados opostos: o preconceito é um dos temas centrais da crítica à sociedade atual e a experiência estética, da proposta de transformação dessa sociedade.

Para os autores, o processo de percepção e a formação do ego estão intrinsecamente conectados:

O sujeito recria o mundo fora dele a partir dos vestígios que o mundo deixa em seus sentidos: a unidade da coisa em suas múltiplas propriedades e estados; e constitui retroativamente o ego, aprendendo a conferir uma unidade sintética, não apenas às impressões externas, mas também às impressões internas que se separam pouco a pouco daquelas. O ego idêntico é o produto constante mais tardio da projeção. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 176)

Entretanto, os vestígios que o mundo deixa nos sentidos mudam em cada época e em cada sociedade, e o ego que se constituiu retroativamente também acompanhará essa mudança: “A profundidade interna do sujeito não consiste em nada mais senão a delicadeza e a riqueza do mundo da percepção externa” (p. 176). O diagnóstico que os autores fazem nesse texto é de que na sociedade atual o que caracteriza essa relação exterior-interior-exterior (marca nos sentidos-ego-projeção) é um “entrelaçamento rompido”. Em outras palavras, um mundo que não deixa marcas produz um sujeito pobre de referências internas e, por conseguinte, não consegue devolver ao mundo uma versão reelaborada (internamente) deste. Por isso uma das formas predominantes de experiência na sociedade atual é o preconceito.

O preconceito aparece como um erro de percepção porque ele é uma “falsa projeção” (p. 174). É a projeção sobre o objeto de impulsos internos ao preconceituoso e que, portanto, não dizem respeito ao objeto:

Segundo a teoria psicanalítica, a projeção patológica consiste substancialmente na transferência para o objeto dos impulsos socialmente condenados do sujeito. Sob a pressão do superego, o ego projeta no mundo exterior, como intenções más, os impulsos agressivos que provêm do id e que, por causa de sua força, constituem uma ameaça a ele próprio. Deste modo, consegue livrar-se deles como uma reação a esse mundo exterior, seja imaginariamente pela identificação com o pretense vilão, seja na realidade sob o pretexto de uma legítima defesa. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 179)

Para os autores, essa projeção patológica ou falsa projeção é a tendência dominante na sociedade atual porque neste momento de desenvolvimento do capitalismo não é mais socialmente necessário para a manutenção desse sistema a individuação, isto é, um tipo de formação de indivíduo em que este se constitui como uma célula autônoma, tal qual foi necessário no período de formação do capitalismo:

Se no liberalismo, a individuação de uma parte da população era uma condição da adaptação da sociedade em seu todo ao estágio da técnica, hoje, o funcionamento da aparelhagem econômica exige uma direção das massas que não seja perturbada pela individuação. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 190)

A verdadeira experiência, a rica experiência de relação do sujeito com o mundo – a assimilação do que o mundo oferece e devolução, por parte do sujeito, de algo a mais do que recebeu –, essa verdadeira experiência foi substituída por um simples ticket ou clichê:

A decisão que o indivíduo deve tomar em cada situação não precisa mais resultar de uma dolorosa dialética interna da consciência moral, da autoconservação e das pulsões. Para as pessoas na esfera profissional, as decisões são tomadas pela hierarquia que vai das associações até a administração nacional; na esfera privada, pelo esquema da cultura de massa, que desapropria seus consumidores forçados de seus últimos impulsos internos. As associações e as celebridades assumem as funções do ego e do superego, e as massas, despojadas até mesmo da aparência da personalidade, deixam-se modelar muito mais docilmente segundo os modelos e palavras de ordem dadas, do que os instintos pela censura interna. (ADORNO; HORKHEIMER, p. 189-190)

Por isso os autores dizem em determinado momento que “não há mais antisemitas” (p. 186). O que eles querem dizer é que não existe mais uma elaborada ideologia por detrás do preconceito. Ele não é, assim, uma má disposição de um grupo com relação a outro grupo por

motivos elaborados conscientemente, mas é, antes, a má disposição de qualquer indivíduo para com o outro numa sociedade em que a relação entre sujeito e objeto, entre o indivíduo e o mundo foi empobrecida a tal ponto que o sujeito, para lidar com as privações às quais é submetido, é forçado – por ser a única opção – a projetar a causa dessas privações no objeto (vítima do preconceito), e não a enfrentar sua verdadeira causa: a pobreza da cultura no capitalismo avançado.

A experiência estética entra na teoria adorniana como o reverso do preconceito, como a escassa possibilidade de uma verdadeira experiência ainda presente em nossa sociedade. Seus textos mais famosos no campo da estética, *O fetichismo na música e a regressão da audição* e o capítulo *A indústria cultural* da *Dialética do Esclarecimento*, são uma grande crítica ao empobrecimento da experiência estética em nossa sociedade e podem dar, a princípio, a impressão de que também a verdadeira experiência está impossibilitada no campo da arte. Mas isso não é verdade. Acontece que a experiência estética não está imune ao empobrecimento da cultura que produz o preconceito, e é necessário que se faça, em primeiro lugar, uma crítica da arte que aponte para esse empobrecimento.

Tomemos, como representante dessa crítica, *O fetichismo na música e a regressão da audição*. Como se pode perceber pelo título, esse texto trata de dois fenômenos diferentes, porém conectados: de um lado o fetichismo na música e de outro a regressão da audição. Se fizermos uma analogia com o que explicamos acima sobre a percepção, podemos dizer que o fetichismo na música se refere ao empobrecimento daquilo que é oferecido aos sentidos do sujeito, enquanto a regressão da audição se refere ao empobrecimento do próprio sujeito que é formado a partir do que lhe é oferecido.

O conceito de fetichismo é um importante e complexo conceito da teoria marxista. Aqui basta sabermos que, no caso da música, para Adorno, diz respeito a uma retirada do caráter mediado da música em favor de uma aparência de imediaticidade. Isto é, a música deixa de ser produzida,

recebida e de ter valor devido a uma complexa relação tanto entre autor e material como entre tradição e público – e, portanto, tem uma dimensão de tensão temporal, entre o presente e o passado, e espacial, entre os diversos atores da relação (autor, tradição, público) – para ser, acima de tudo, um produto acabado, atemporal e substituível do mercado de cultura. À música mediada cabem juízos complexos que levarão em conta, por exemplo, o talento do autor, seu posicionamento perante a tradição (popular ou erudito, de continuidade ou ruptura), sua posição para com o público (se bem adaptado ao gosto contemporâneo ou se extemporâneo). Já com relação à música imediata, produto da indústria cultural, cabe apenas uma apreciação imediata, geralmente em termos de prazer ou desprazer, agradável ou desagradável. Esse produto aparece somente como imediato, porque na verdade ele ocupa esse lugar por causa de um jogo complexo de mediações no sistema capitalista que exigem, para sua manutenção, que a cultura seja reduzida a um produto e o sujeito a um mero consumidor.

Quanto ao segundo tópico do texto, a regressão da audição, vejamos um trecho do que Adorno escreveu a respeito e atentemos para a semelhança que há entre a escuta regredida e o preconceito:

Com isto não nos referimos a um regresso do ouvinte individual a uma fase anterior do próprio desenvolvimento [...] O que regrediu e permaneceu num estado infantil foi a audição moderna [...] Ouvem de maneira atomística e dissociam o que ouviram, porém desenvolvem, precisamente na dissociação, certas capacidades que são mais compreensíveis em termos de futebol e automobilismo do que com os conceitos da estética tradicional [...] E todavia são infantis; o seu primitivismo não é o que caracteriza os não desenvolvidos, e sim o dos que foram privados violentamente de sua liberdade. Manifestam, sempre que lhes é permitido, o ódio reprimido daquele que tem a ideia de uma outra coisa, mas a adia [...] A repressão efetua-se em relação a esta possibilidade presente; mais concretamente, constata-se uma regressão quanto à possibilidade de uma outra música, oposta a essa. (ADORNO, 1989, p. 94)

A regressão da audição não significa um retorno a um estágio anterior do desenvolvimento individual, representa uma tendência, da cultura, de manter nos indivíduos padrões infantis de relação com aquilo que ouvem. Esses padrões infantis são a escuta atomística e a dissociação – isto é, tomar por imediato o que é mediado. Por exemplo, gostar de uma sinfonia por causa de um trecho de melodia veiculado à exaustão em uma peça publicitária. Isso para dar um exemplo drástico, mas que está presente na formação cultural como um todo de forma mais sutil, e que é bastante visível no sucesso encontrado por determinadas fórmulas não apenas na música, mas nos romances, nos filmes, entre outros. Como o paladar infantil, ainda pobre de experiências, é incapaz de distinguir diferenças sutis entre os alimentos que lhe são apresentados, e comumente rejeita alimentos que se distanciam do gosto a que foram habituados, assim também se comportam os ouvintes modernos para com a música: foram “privados violentamente de sua liberdade”, isto é, da possibilidade de assimilar uma cultura rica e variada, e rejeitam, com isso, “a possibilidade de uma outra música, oposta a essa”. Ora se não é justamente dessa forma que se dá o preconceito: a pobreza de experiência do sujeito preconceituoso e sua rejeição para aquilo que se diferencia dessa pobreza, inclusive com a projeção de conteúdos agressivos – que deveriam ser dirigidos, na verdade, à causa da privação cultural e não ao objeto do preconceito.

Um dos objetos de preconceito detectados por Adorno é a música moderna, muitas vezes tachada de excessivamente complicada, ou mesmo acusada de excesso de subjetivismo. Sobre a crítica de sua época a tal música, Adorno afirma que a “complicação” não é boa nem ruim, e sim uma característica da obra, que vem da necessidade do seu compositor. Portanto, soar complicado não é “culpa” de quem a compõe, muito menos de quem a ouve: a situação social que exclui uma massa de pessoas da formação intelectual, privilégio de uma minoria, gera uma raiva do objeto por não terem direito a ele:

A incapacidade presente das massas de entender o complicado, não obstante, herança de sua exclusão da formação intelectual, é potencializada hoje em dia pela indústria cultural que conforma tal incapacidade, assim como pela própria mecanização do processo de trabalho. [...] O ódio contra o complicado como tal, presente hoje por todas partes, é um sintoma de regressão controlada. [...] Seu próprio ódio pelo complicado oculta, no entanto, como segredo mais íntimo a indignação pelo fato de que tenha que se proibir dita complicação. Odeiam o que não se lhes permite amar. (ADORNO, 2009, p. 59, tradução nossa)

Aqui, o preconceito ocorre pelo fato de o preconceituoso desconhecer o objeto de discriminação pois lhe foi negado o privilégio de conhecê-lo. O ódio causado por aquilo que lhe foi proibido se dirige ao objeto criado e fruído pelo privilegiado: a música erudita da época.

Adorno, contudo, não para por aí: a experiência estética, como as relações sociais, foi substituída por uma versão regredida dela. Ainda que nesses textos, mais conhecidos no Brasil, o tom geral seja mesmo o da crítica, e dê a alguns uma impressão fatalista, há já neles elementos que apontam para as possibilidades utópicas, de transformação da sociedade, e que serão mais diretamente trabalhos em outros textos, como por exemplo, na *Teoria estética*. Vejamos alguns desses elementos no próprio *Elementos do antissemitismo*.

Tratando sobre a falsa projeção, Adorno e Horkheimer escrevem: “O antissemitismo baseia-se numa falsa projeção. Ele é o reverso da mimese genuína, profundamente aparentada à mimese que foi recalcada” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 174). O que seriam a mimese genuína e a mimese recalcada? Quanto à última, escrevem no mesmo texto:

O rigor com que os dominadores impediram no curso dos séculos a seus próprios descendentes bem como às massas dominadas, a recaída em modos de vida miméticos – começando pela proibição de imagens na religião, passando pela proscrição social dos atores e dos ciganos e chegando, enfim, a uma pedagogia que desacostuma as crianças de serem infantis – é a própria condição

da civilização [...] Toda diversão, todo abandono tem algo de mimetismo. Foi se enrijecendo contra isso que o ego se forjou. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 169)

O conceito de mimese é um conceito ainda mais antigo e complexo do que o de fetichismo na história da filosofia e remete mesmo às ideias estéticas de Platão e Aristóteles. Mas fiquemos com o que se pode inferir do texto citado. Pode-se inferir que a mimese é uma relação do indivíduo para com o mundo que se dá pela via da imitação, portanto mais imagética e intuitiva que simbólica e racional. E que esse modo de relação foi reprimido pela sociedade ocidental em favor de uma razão enrijecida – presente desde sua fundação, mas que tomou proporções aterradoras com o desenvolvimento do capitalismo, que se nutriu desse tipo de racionalidade ao mesmo tempo em que possibilitou suas mais terríveis expressões.

Acontece, porém, que nem toda mimese foi recalcada. E é na arte, para Adorno, onde justamente ainda será possível encontrar a mimese genuína. Vejamos como escreve sobre isso na *Teoria estética*:

A arte é o refúgio do comportamento mimético. Nela, o sujeito expõe-se, em graus mutáveis da sua autonomia, ao seu outro, dele separado e, no entanto, não inteiramente separado [...] Que ela, algo de mimético, seja possível no seio da racionalidade e se sirva dos seus meios, é uma reação à má irracionalidade do mundo racional enquanto administrado. (ADORNO, 2006, p. 68)

É na arte que o sujeito se expõe ao seu outro, dele separado e não inteiramente separado. Adorno está descrevendo, sob outra perspectiva, a relação exterior-interior-exterior da verdadeira experiência, o contrário do preconceito. Em outro trecho, pouco adiante, escreve ainda:

A sobrevivência da mimese, a afinidade não-conceptual do produto subjetivo com o seu outro, como não estabelecido, define a arte

como uma forma de conhecimento e, sob este aspecto, como também “racional”. (ADORNO, 2006, p. 69)

Não é fácil entender o significado exato do que ele chama de “afinidade não-conceitual”. Para tentar explicar de uma forma simples, seria a comunicação inconsciente – que possui formas diversas e já recebeu denominações variadas: imitação, aprendizagem imagética, intuitiva – de padrões da realidade que são elaboradas pelo artista, em parte conscientemente, mas também em parte inconscientemente. Por isso seria tão importante a formação do indivíduo ser uma formação rica de experiências desde os primeiros momentos, pois essa é uma forma consciente de influir sobre um processo que se dá em grande parte inconscientemente: tornar maiores as chances de apropriação e elaboração do que é recebido do mundo.

Nos dois trechos se fala de uma relação com o outro, e essa relação não é violenta: “expõe-se ao seu outro” e “afinidade com seu outro”, assim como, fica subentendido, “conhecimento” dele. Mais uma vez, o contrário do que se dá no preconceito.

Além disso, a arte é apresentada nos dois trechos como uma possibilidade racional e como uma crítica da razão enrijecida estabelecida em nossa sociedade. Assim, ainda que Adorno em momento algum diminua a importância de se fazer uma crítica a essa sociedade, e a arte empobrecida a ela correlata, ele aposta no caminho da arte como o caminho de uma outra racionalidade, menos violenta – a favor do capitalismo – e mais propriamente humana.

## Referências

ADORNO, T. W. O fetichismo na música e a regressão da audição. In: ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. *Textos escolhidos*. São Paulo: Nova Cultural, 1989 – (Os Pensadores).

\_\_\_\_\_. *Teoria estética*. Lisboa: Edições 70, 2006.

\_\_\_\_\_. La musica tutelada. In: \_\_\_\_\_. *Disonancias/Introducción a la sociología de la música*. Madrid: Ediciones Akal, 2009.

ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. *Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.